



**DESENVOLVIMENTO,
INOVAÇÃO E
SUSTENTABILIDADE:
CONTRIBUIÇÕES
DE IGNACY SACHS**

Garamond
UNIVERSITÄRIA

Copyright © dos autores
Direitos cedidos para esta edição à
Editora Garamond Ltda.
Rua Cândido de Oliveira, 43/101 – Rio Comprido
CEP 20.261.115 – Rio de Janeiro, RJ
Telefax: (21) 2504-9211
E-mail: editora@garamond.com.br

Organização

Renato Caporali
Marcio Guerra Amorim

Revisão

Alberto Almeida

Edição Eletrônica

Estúdio Garamond

Capa

Werner Salles Bagetti

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NAFONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D518

Desenvolvimento, inovação e sustentabilidade: contribuições de Ignacy Sachs / Carlos Lopes ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

228 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 9788576173779

1. Sachs, Ignacy, 1927-. 2. Desenvolvimento econômico. 3. Economia.

I. Lopes, Carlos. II. Trúlio.

14-15032

CDD: 330.981
CDU: 338.1(813.1)

Sumário

Apresentação	7
<i>Rafael Lucchesi</i>	
Prefácio	11
<i>Enrique V. Iglesias</i>	
Sachs: um pensamento antes de seu tempo teórico	13
<i>Cristovam Buarque</i>	
Os desafios da sustentabilidade e os bancos de desenvolvimento: lições de Ignacy Sachs	19
<i>Luciano Coutinho</i>	
Crises e oportunidades em tempos de mudança	37
<i>Ignacy Sachs, Carlos Lopes, Ladislau Dowbor</i>	
Olhares interessantes sobre tempos interessantes: Tributo a visionários como Ignacy Sachs	81
<i>Marcel Bursztyn, Maria Augusta Bursztyn</i>	
As contribuições de Ignacy Sachs ao BNDES para uma nova geração de políticas de desenvolvimento produtivo	109
<i>Helena M. M. Lastres, Marcelo Machado, Walsey Magalhães, Claudio Figueiredo Leal</i>	
Desenvolvimento como prática: Breves notas a respeito da trajetória e da obra de Ignacy Sachs	127
<i>Elmar Pinheiro do Nascimento</i>	

A Contribuição de Sachs para a economia do desenvolvimento e para o planejamento do desenvolvimento

Emilio Lèbre La Rovere

A originalidade da contribuição de Ignacy Sachs para a economia do desenvolvimento e para a aplicação do planejamento em países em desenvolvimento pode ser percebida em duas vertentes, bem representadas em dois de seus livros da década de 1970: *A descoberta do terceiro mundo*¹ e *Por uma economia do desenvolvimento*.²

Na obra *Por uma economia do desenvolvimento*, Sachs sistematizou o resultado de seus trabalhos em colaboração com Michael Kalecki, apresentado sob a forma de um modelo matemático que representa a evolução das economias em desenvolvimento. Além da contribuição teórica para o esclarecimento dos principais desafios do desenvolvimento econômico, destacava-se nessa formulação um elemento que fornece a ponte para a segunda vertente supramencionada: no modelo, era introduzida uma variável que representa a “capacidade empresarial”. Essa variável procurava capturar o fato de que as mesmas quantidades de fatores de produção podem vir a resultar em produtos econômicos bem diferentes, segundo a capacidade gerencial de combiná-los de forma mais ou menos eficiente. Assim como Schumpeter destacava o empreendedorismo inovador, Sachs reconhecia desse modo que

1. SACHS, I. *La Découverte du Tiers Monde*. Paris: Flammarion, 1971.

2. SACHS, I. *Pour une Économie Politique du Développement*. Paris: Flammarion, 1977.

o motor do aumento de produtividade não pode ser explicado pelo simples crescimento quantitativo do emprego dos fatores de produção. Em consequência, a principal tarefa do planejamento, no contexto de economias mistas, deve ser a busca das condições mais adequadas para propiciar o aumento da produtividade, por meio da criação de instituições capacitadas para elaborar e aplicar políticas públicas e regular os mercados, orientando-os no sentido de alcançar os objetivos da sociedade estabelecidos pelo processo político. Hoje, todo um ramo da ciência econômica, a economia institucionalista, desenvolve essa vertente de reflexão sobre os determinantes da produtividade, dentro e fora das empresas.

A prática profissional de Sachs foi fiel a essa análise, aliando suas virtudes de intelectual a uma busca incessante da experimentação, a partir da descoberta do Terceiro Mundo, a segunda vertente de seu pensamento. Indo muito além de suas atividades acadêmicas de ensino e pesquisa, Sachs buscou aplicar o paradigma do ecodesenvolvimento em grande número de países em desenvolvimento, pela concepção e pelo acompanhamento da implantação de projetos, programas, planos e políticas. Percebeu claramente a necessidade de capacitar as instituições e os recursos humanos locais para a sua realização. Atuou muitas vezes em parceria com seus ex-alunos dos países em desenvolvimento, criando uma verdadeira rede informal de colaboração, transmitindo experiências e colocando em contato pessoas e instituições. Além de atuar como consultor dos órgãos multilaterais, utilizou o aparato institucional das Nações Unidas para promover esse intercâmbio Sul-Sul.

Um dos exemplos mais notáveis da cooperação Sul-Sul assim promovida foi o programa *Food-Energy Nexus*, que organizou no âmbito da Universidade das Nações Unidas, no início da década de

80, para estudar a harmonização da produção de energia e alimentos de forma integrada, tema que permanece de grande atualidade: trinta anos depois, com toda a polémica em torno da sustentabilidade dos biocombustíveis, continua a ser desenvolvido em estudos e pesquisas sobre critérios para certificação da sustentabilidade da produção e uso de fontes renováveis de energia.³ Várias outras de suas intuições de décadas atrás se tornaram questões fundamentais neste início de século XXI, como, por exemplo:

- a emergência de uma civilização da biomassa, em substituição à dos combustíveis fósseis;
- a necessidade de aumento na eficiência do uso da energia, em todos os níveis, da eliminação dos desperdícios até a mudança de valores da sociedade, passando pela alteração dos padrões e tecnologias de produção e consumo de energia;
- a urgência de uma “nova revolução neolítica”, agora no mar, para o uso mais produtivo e renovável dos recursos hídricos do planeta;
- o imperativo de “desenvolver para conservar” em substituição ao de “preservação e conservação da natureza”;
- a busca de tecnologias apropriadas a cada contexto, com inspiração na história de como diferentes culturas utilizaram diversamente os recursos de ecossistemas semelhantes;
- a necessidade de se perseguir um outro conceito de desenvolvimento, que possa prescindir de adjetivos, por incorporar a sustentabilidade em todas as suas dimensões: ecológica, social, econômica, espacial, tecnológica, cultural.

Um dos aspectos mais impressionantes de sua prática é o rigor absoluto com que sempre examinou os resultados desses projetos. Sua

3. Ver, por exemplo, MAROUN, M. R. “A produção integrada de etanol e alimentos por camponeses como uma oportunidade para o desenvolvimento rural sustentável do Rio Grande do Sul”, tese de doutorado, PPE/COPPE/UFRJ, 27 de novembro de 2013.

análise dissecava as causas de todas as insuficiências das intervenções promovidas para alcançar os resultados esperados pelas propostas idealizadas. Sua lucidez e exemplar honestidade intelectual em apontar as críticas aos resultados das tentativas de aplicação das próprias ideias, identificando as diversas barreiras para seu êxito, sempre foram uma ilustração viva de como a ciência deve aprender a partir de seus fracassos.

Sua prática também foi inovadora na forma de transmitir conhecimentos. Seus textos continuavam a despertar entusiasmo. Há 25 anos, eu os utilizo ao lecionar a disciplina sobre “Energia, Meio Ambiente e Desenvolvimento” no curso de mestrado e doutorado em Planejamento Energético e Ambiental da COPPE/UFRJ. Eles sempre aparecem entre os votados como melhores pelos alunos da disciplina.⁴ Além de seus escritos, suas aulas eram sempre ilustradas pela análise de casos concretos. Fazia as informações circularem generosamente, em uma época pré-internet, passando as mais recentes publicações para seus alunos.

Tive a oportunidade de escrever um artigo científico em parceria com ele, em inglês, para uma revista internacional. Anos depois, sempre que me perguntam onde aprendi a escrever no jargão científico em inglês, tendo feito meu doutorado na França, explico que foi com o meu orientador. Sachs sempre se expressou clara e didaticamente em todos os idiomas que domina, e com uma incrível facilidade de mudar de um para outro.

Mas é no relato informal de suas experiências em países em desenvolvimento que se pode obter dele a maior riqueza de detalhes úteis: como excelente contador de casos, Sachs transforma em uma

espécie de diálogos socráticos com seus discípulos a extração de preciosas lições para a prática do planejamento.

Hoje, em nossa luta para recuperar o conceito de planejamento do desenvolvimento, tão vilipendiado em nosso país, mais do que nunca se impõe uma atenção especial à atualidade do pensamento e da prática de Ignacy Sachs, um homem à frente de seu tempo.

4. Atualmente utilizo os seguintes textos: SACHS, I. *Equitable Development on a Healthy Planet – Transition Strategies for the 21st Century*, report to the UNCED Secretariat, January 1992; e SACHS, I. *Desenvolvimento: incluindo, sustentável, sustentado*. Ed. Garamond; Sebrae, 2004.

Histórias de uma longa amizade (e suas consequências...)

Jorge Wilhelm

Em uma tarde invernal de 1946, sobre o palco em penumbra do Teatro Municipal de São Paulo, adentrava um personagem discorrendo em francês com um silencioso companheiro sobre cujo ombro apoiava sua mão. O ator desse teatro amador era o Ignacy; e o ombro amigo era o meu...

Esta é a lembrança mais longínqua da nossa amizade, um percurso de quase 70 anos, salpicado de contatos fecundos sobre os quais basearei este depoimento, ao lado das palavras de tantos companheiros de percurso que, certamente com mais propriedade, dão testemunho referente a contribuições metodológicas e teóricas que devemos a Ignacy Sachs.

Em nossa adolescência e como jovens adultos, éramos intelectualmente inquietos e eu organizara duas revistinhas, uma em francês denominada *Essais* e outra em português, denominada *Paralelos*, que pretendia ser a sucessora e homenageante da revista *Clima*, famosa publicação anterior, comandada por Antonio Candido, Decio de Almeida Prado e Lourival Gomes Machado. Ignacy para essa revista colaborou traduzindo uma importante poesia (“Campo di Fiori”) sobre o holocausto, escrita por um poeta polonês anônimo durante a guerra. Acertou em sua escolha: anos depois, verificamos tratar-se do Czeslaw Milosz, laureado com o Prêmio Nobel!

O ideário marxista nos era comum; mas Ignacy fora estudar economia no Rio e trabalhava na embaixada polonesa; já casado com Viola, decidiram voltar para a Polônia “para ajudar a construir o socialismo”, diz hoje, acrescentando ironicamente “com o resultado que conhecemos...” Durante os três anos em que eles estiveram na Índia (1957-1960), período tão importante na formação de Ignacy, pouco contato tivemos. Mas esse interlúdio passou a ecoar em todos os contatos seguintes, pois ainda hoje ele insiste na importância de Brasil e Índia se conhecerem melhor, não para imitar soluções ou adotar culturas, mas para, juntos, concebemos os melhores caminhos para o desenvolvimento do terceiro mundo.

E em 1967, fui com Joanna visitá-los em Varsóvia. Deliciando-nos com uma vasta cesta de cerejas, contou-me Ignacy das dificuldades que encontrava na universidade, após o seu regresso da Índia, em virtude do recrutescimento do antissemismo. Era ele discípulo de Kalecki, na época ainda um economista pouco conhecido e estudado no Ocidente, embora tenha trazido com objetividade a teoria econômica pós-marxista para a realidade contemporânea, com flexibilidade dialética, mas também com profundo sentimento humanitário. Mais que pós-keynesiano, Ignacy é um pós-kaleckiano.

Ficara claro para ele que a economia não podia resumir-se aos aspectos estritamente monetários e que deveria participar, com outras disciplinas, da conceituação do desenvolvimento, notadamente nos países que eram considerados subdesenvolvidos. Ele já então se definia como um “socioeconomista”. Eu, por meu lado, já enfimado em assuntos urbanos, também ampliara meu horizonte de interesses e me considerava, por assim dizer, um “socioarquitecto”. A coincidência de enfoques nos aproximou e os contatos se tornaram mais assíduos

a partir do momento em que Ignacy voltou a emigrar: dessa vez para fixar residência em Paris.

Em 1974, quando já se realizara a primeira conferência sobre o ambiente (Estocolmo, 1972), em cuja conceituação e resultados Ignacy teve importante participação, estávamos ambos interessados em novas formas e conceitos de desenvolvimento. E nos encontramos em eventos, campanhas e movimentos como o que Marc Nerfin conduzia (“Para um outro desenvolvimento”, 1974).

Brincando, eu dizia a ele que me esforçava para ser *homo sapiens*, porém só tinha certeza de ter atingido o estágio de *homo faberi*! Gostava e sabia concretizar ideias, transformar realidades, ainda que pequenas. O destino, além de interromper o meu caminho acadêmico, após o golpe de 1964, abriu-me acidentalmente outra perspectiva ao me propiciar uma série cargos públicos, com a possibilidade (sempre difícil) de implementar ideias inovadoras. Essa situação (“eu sou eu mais as circunstâncias”, diria Ortega y Gasset) permitiu que uma série de contribuições de Ignacy viessem a florescer e até a fecundar por meu intermédio. E ele passou a visitar o Brasil todos os anos, hospedando-se no belo apartamento que seus pais lhes deixaram, inventando projetos de distintas naturezas, porém sempre caracterizados por seu conceito sólido e amplo de desenvolvimento.

E nesse aspecto eu lhe devo muito, pois deixava claro que o desenvolvimento só ocorreria se considerasse o crescimento econômico, a inclusão social justa, o emprego decente e um bom senso no trato dos recursos naturais, de modo a tomar decisões políticas, em seu conjunto, que o tornassem sustentável.

A questão ambiental tornara-se presença obrigatória nos discursos políticos, mas poucos perceberiam mais tarde que, no famoso Relatório Bruntland (1987), o adjetivo sustentável fora aplicado ao

substantivo desenvolvimento. Não era um mero vocábulo “verde”, já que pouca serveria teria se a preservação do ambiente e dos recursos naturais não fosse acompanhada da preservação do emprego decente... Ambos deveriam sustentar o desenvolvimento adequado.

Durante os preparativos de três conferências sobre o ambiente (1972, 1992 e 2012), Ignacy dava importantes contribuições aos embates, mas já em 1975 ele me ajudava a conceituar o primeiro dos quatro Seminários Internacionais sobre Alternativas de Desenvolvimento que organizei, na condição de Secretário de Economia e Planejamento do governo Paulo Egydio Martins. A questão energética foi tratada em toda a sua amplitude: a energia solar entrou no campo das alternativas brasileiras, conseguimos implantar coletores solares nos hospitais estaduais, e passou-se a usar etanol como combustível em todas as viaturas governamentais, dando início ao que se denominou pró-álcool.

Outra contribuição de Ignacy que percorreu um longo caminho foi no campo das tecnologias alternativas para melhorias urbanas. Em 1984, ele me trouxe com ênfase o exemplo de um amigo comum, Jacques Bougnicourt que, no Senegal, obtivera bons resultados simplesmente criando um catálogo de boas práticas e experiências que eram imediatamente copiadas ou adaptadas pelos prefeitos locais. Aproveitamos a experiência e, no sistema do governo estadual, criou-se um programa Rede de Comunicação de Experiências Municipais (RECEM) para a catalogação de boas experiências, com excelentes resultados. Levei essa experiência para o centro *Habitat* das Nações Unidas, e lá também se criou o catálogo de boas práticas urbanas, um dos bons resultados da Conferência *Habitat 2*.

Quando fui nomeado secretário-executivo adjunto da Conferência *Habitat 2* (Istrambul, 1996), responsável por seu projeto e articulação, nomeei como consultores informais Ignacy Sachs, Serge Antoine e

Jordi Borja e me apoiiei neles para debater o que poderia vir a ser uma conferência sobre o futuro das cidades.

Nos últimos vinte anos, foram inúmeras as investidas de Ignacy no Brasil, sempre buscando implantar projetos, unir esforços, salientar importantes aspectos de preservação ambiental junto a setores do governo federal ou estadual ou a entidades não governamentais e privadas. Por vezes, com resultados práticos; mas, mesmo quando a burocracia ou a “burocracia” levavam essas investidas a impasses, sempre havia ensinamentos e experiência que ele passava para outras pessoas, iluminando caminhos que mais tarde viriam a ser percorridos de modo fecundo.

Ignacy sempre se revelou um criador, um semeador e um sistematizador de boas ideias. Suas exposições, escritas ou faladas, sempre são didáticas e consistentes. Sua persistência em travar a boa luta do desenvolvimento ambientalmente cauteloso, socialmente justo e economicamente adequado constituem um exemplo para todos nós.

No Brasil se dá ênfase, por vezes exuberante, às demonstrações de afeto; não raro um jovem estica uma faixa rua afora declarando “Suely eu te amo!” sem hesitação nem pudor... Nós somos um bocado mais recatados, mas mesmo assim cabe expressar aqui o nosso profundo preito de gratidão pelo convívio amigável e pelas contribuições essenciais que Ignacy Sachs nos prodiu durante tantas décadas.